

**Carolina Beatriz
Ângelo**
**UM PEQUENO
GRANDE GESTO
DE CORAGEM**

Texto Carla Maia de Almeida
Ilustrações Delfim Ruas



**Carolina Beatriz
Ângelo**

**UM PEQUENO
GRANDE GESTO
DE CORAGEM**

Texto Carla Maia de Almeida

Ilustrações Delfim Ruas



Quando eu era pequena, o meu avô contou-me uma história que nunca mais esqueci. Uma história verdadeira que fez correr muita tinta e inspirou milhões de pessoas pelo mundo fora.

Tudo aconteceu em Montgomery, no sul dos Estados Unidos da América, quando uma senhora se recusou a dar o lugar no autocarro a outro passageiro. Ontem falei nisto à minha mãe. «E então?», disse ela, «O que não falta por aí é gente mal educada». Precisei de lhe explicar que não se tratou de má educação, mas sim de coragem. Pronunciei «córagem», como é costume do avô (ele é quase do tempo em que se escrevia «pharmácia» com «ph»...). A mãe tirou os olhos do telemóvel e voltou-se para mim:

— Isso são coisas do teu avô?

Fiquei um bocadinho desiludida, mas não me importei. Contei-lhe a história de Rosa Parks e do

Está decidido que o título do meu trabalho vai ser mesmo «Pequenos grandes gestos de coragem». Quero falar de pessoas comuns que fizeram coisas arriscadas, valentes, corajosas. Pessoas que desafiaram as normas e correram riscos em nome dos valores em que acreditavam.

Carolina Beatriz Ângelo foi uma das primeiras sufragistas portuguesas e defendia o direito ao voto com base na igualdade de género, ou seja, sem discriminação entre sexos. O primeiro estado soberano do mundo a conquistar plenamente esse direito foi a Nova Zelândia, em 1893, graças aos esforços da sufragista Kate Sheppard. Alguns anos mais tarde, seguiram-se os exemplos da Finlândia, Noruega e outros países nórdicos.

Sufragista vem de sufrágio e sufrágio é sinónimo de voto. Há um filme chamado *As Sufragistas* que conta a história da inglesa Emmeline Pankhurst. Era uma adolescente de 14 anos quan-

do foi com a mãe a uma reunião de ativistas pelos direitos das mulheres. Esse dia marcou-a para sempre. Anos depois, em 1903, tornou-se líder da luta sufragista em Inglaterra. Chegou a fazer de propósito para ser presa, só para chamar a atenção para a sua organização, a WSPU (Women's Social and Political Union). É claro que tenho de falar nela no meu trabalho.

Ao investigarmos o passado, descobrimos factos que agora nos parecem impossíveis. Embora em 1931 o regime de Salazar tenha permitido o voto feminino a quem provasse ter posses e instrução, este limitava-se a uma elite. Para a grande maioria das mulheres, votar sem restrições só pôde ser possível depois do 25 de Abril de 1974, já em democracia.

Mas há mais: antes da Revolução dos Cravos, as mulheres viviam presas a leis e a preconceitos que as discriminavam só por serem mulheres. Parecem coisas da Idade Média, mas a verdade é que tanto o avô como a mãe ainda são deste tempo. Ao longo da minha pesquisa, fui tomando nota do que achei mais estranho e difícil de acreditar. Por exemplo:

- Os maridos podiam proibir as mulheres de trabalhar, por isso o seu destino era tornarem-se donas de casa, mesmo que preferissem seguir uma profissão;

- Não estavam autorizadas a abrir uma loja sem o consentimento do marido;
- Não podiam ser diplomatas ou juízas, e muito menos polícias ou paraquedistas;
- Podiam perder um contrato de trabalho se o marido assim o entendesse;
- Ganhavam cerca de 40% menos do que os homens;
- As enfermeiras e hospedeiras do ar não podiam casar nem ter filhos;
- As professoras andavam de bata e eram aconselhadas a não se maquilharem ou (que horror!) a usar calças;
- A mulher não podia viajar para fora do País sem a autorização do marido ou do pai;
- O marido podia abrir e ler as cartas dirigidas à mulher;
- As mães solteiras não tinham qualquer proteção perante a lei;
- Quem se casasse pela Igreja não se poderia mais tarde divorciar;
- As raparigas casavam a partir dos 14 anos, muitas vezes por imposição das famílias;
- A mulher não podia tomar a pílula contra a vontade do marido. Se o fizesse, era um pretexto para ele pedir o divórcio;
- O marido era sempre o «chefe de família» e decidia em nome dos filhos e da mulher, enquanto ela tratava da vida doméstica.





Não é incrível?! Agora, imagine-se um tempo ainda mais antigo em que as mulheres não podiam entrar nos cafés... Só tomavam chá em casa das amigas ou na pastelaria. Ensinavam-lhes como se haviam de vestir, o que deviam dizer, como deviam dançar nos bailes, como deviam comportar-se em público e até a maneira correta de abanarem os leques. Não participavam no Governo que governava sobre elas; só mandavam na decoração da casa e nas compras da cozinha. Isto, se a família tivesse dinheiro, porque se fossem pobres trabalhavam noite e dia e nem sequer tinham tempo para pensar em nada. Pouquíssimas pessoas em Portugal, homens ou mulheres, sabiam ler e escrever. Que País tão triste!

Foi nesse tempo (ainda mais antigo que o avô) que apareceu Carolina Beatriz Ângelo. No dia 28 de maio de 1911, dia de eleições, ela teve a coragem de fazer o que nenhuma mulher portuguesa tinha feito antes: votar livremente ao lado dos homens. Foi um gesto muito valente para aquela época!

Continuando a minha pesquisa, fiquei a saber que Carolina Beatriz Ângelo nasceu na Guarda, em 16 de abril de 1878, durante o reinado de D. Luís I. Os pais eram também egitanienses, que é o nome dado aos naturais da Guarda. Chamavam-se Emília Clementina de Castro Barreto e Viriato António Ângelo. Carolina foi a segunda de quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas.

Não sendo rica, a família era bastante respeitada na cidade. O pai de Carolina era dono de uma tipografia (ou «typografia», para escrever à moda do avô) onde se fazia um jornal, o *Districto da Guarda*, que divulgava os ideais mais modernos e progressistas da época. Ali se imprimiam também convites, etiquetas, faturas, mapas e outros documentos imprescindíveis, porque naquela altura é claro que ninguém tinha impressora em casa.

Saber ler e escrever, numa cidade do interior, era quase uma raridade. Mais de 60% dos homens e de 95% das mulheres que ali viviam eram analfabetos. Mas isso não acontecia só na Guarda. Tal como no resto do País, eram elas as principais vítimas da falta de instrução escolar. Portugal era um país pobre e atrasado, onde a maioria da população trabalhava de sol a sol para não passar fome e vivia sobrecarregada de impostos. O sentimento de revolta popular alimentava os ideais da República e muitos viam o fim da monarquia como a solução dos problemas.

Havia outro flagelo (é a primeira vez que uso esta palavra) que não distinguia ninguém, mas castigava sobretudo os mais desfavorecidos: as doenças infetocontagiosas. A tuberculose, a varíola, o sarampo, o tifo e a gripe levavam milhares de vidas, sobretudo crianças, devido à falta de remédios e de higiene. A mortalidade infantil era terrível. Sem dinheiro e sem estudos, as mulheres pobres e as mães solteiras não podiam escapar à miséria. Abandonar os filhos na rua ou entregá-los à caridade era uma prática triste, mas muito comum.

Imagino que Carolina Beatriz Ângelo, vinda de uma família informada e progressista, tenha sido sensível a estas condições que via à sua volta. Decidiu, por isso, seguir a sua vocação para atuar na sociedade e tornou-se médica, uma profissão



COLEÇÃO GRANDES VIDAS PORTUGUESAS

Carolina Beatriz Ângelo
Um Pequeno Grande Gesto de Coragem

Edição: ©Imprensa Nacional-Casa da Moeda / ©Pato Lógico Edições

Texto: ©Carla Maia de Almeida

Ilustrações: ©Delfim Ruas

Design: André Letria / Pato Lógico

Direção de Arte da Coleção: André Letria

Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Paginação: Pato Lógico

Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª edição em janeiro de 2021

ISBN: 978-972-27-2852-2

Depósito legal: 46923/20

N.º de edição: 1024099

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

GRANDES VIDAS PORTUGUESAS
PORTUGAL DE ONTEM, DE HOJE
E DE SEMPRE, ATRAVÉS DAS VIDAS
DE QUEM O FEZ GRANDE.

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

- Fernando Pessoa - O Menino Que Era Muitos Poetas**
Aníbal Milhais - Um Herói Chamado Milhões
Almada Negreiros - Viva o Almada, Pim!
Salgueiro Maia - O Homem do Tanque da Liberdade
Alfredo Keil - A Pátria acima de Tudo
Ana de Castro Osório - A Mulher Que Votou na Literatura
Aristides de Sousa Mendes - Um Homem de Coragem
Azeredo Perdigão - Um Encontro Feliz
José Saramago - Homem-Rio
Alexandre Serpa Pinto - O Sonhador da África Perdida
Antónia Ferreira - A Desenhadora de Paisagens
Marquesa de Alorna - Querida Leonor
António Lobo Antunes - O Amor das Coisas Belas
Humberto Delgado - A Coragem do General sem Medo
Sophia de Mello Breyner Andresen - Quem Era Sophia?
Carmen Miranda - Eu Fiz Tudo pra Você Gostar de Mim
Amália Rodrigues - Um Lugar Misterioso



Pato Lógico

N IMPRENSA
NACIONAL

